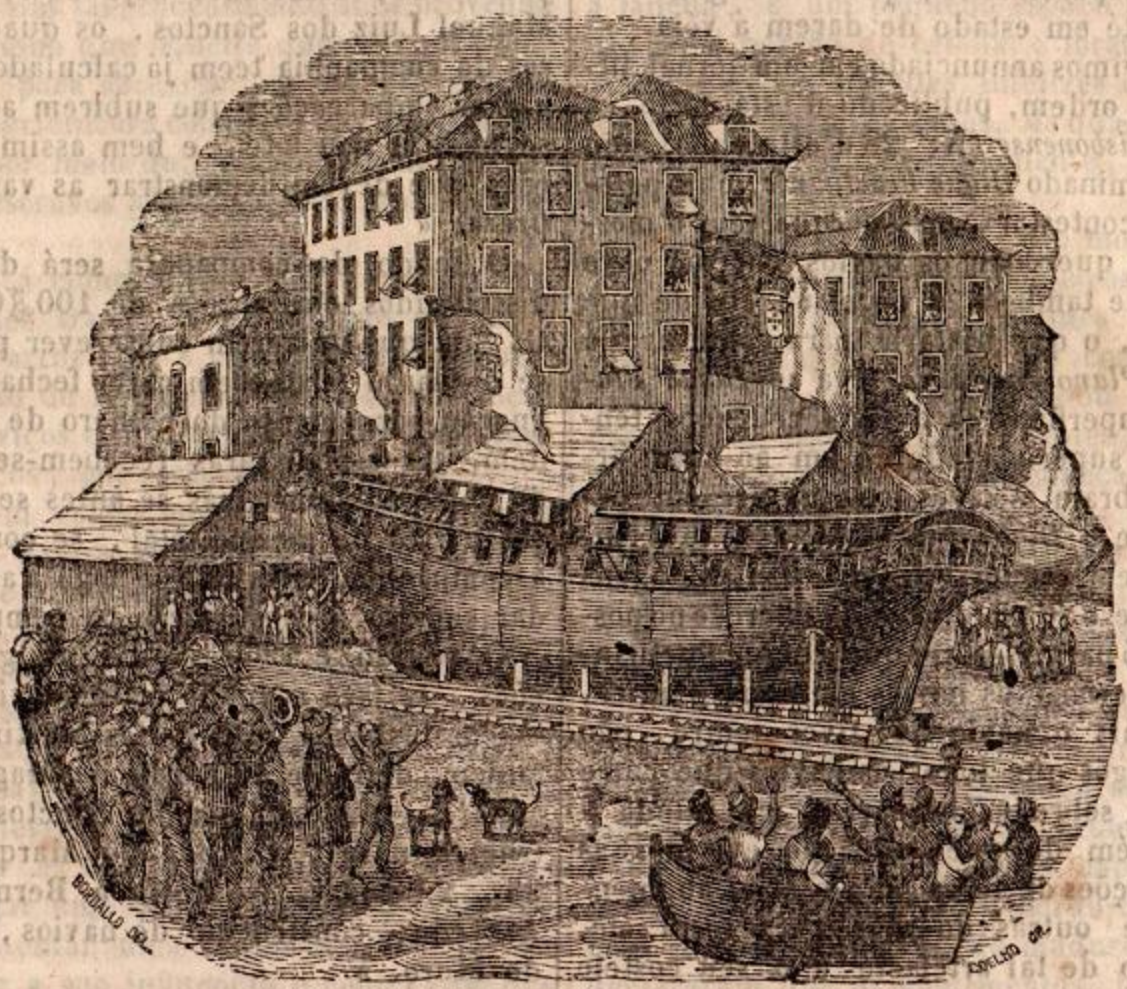
CONHECIMENTOS UTEIS.



PLANO INCLINADO.

3029 Acaba de publicar o Sr. Manuel Luiz dos Santos, antigo e mui insigne ingenheiro constructor da Armada, uma breve, clara, e technica *Memoria*, sobre as vantagens da introducção e estabelecimento em Portugal, dos *Planos Inclinados*, para querenar, concertar, e estacionar os navios em terra, fóra do alcance da maré; acompanhada da estampa que tambem sahe com este artigo, obtida por seu favor, a qual representa uma fragata de guerra subindo ao *Plano Inclinado*, por meio das novas machinas para isso inventadas.

O Sr. Santos começa por historiar, como desde o principio do seculo passado, os mais conhecidos ingenheiros constructores, tinham demonstrado as grandissimas vantagens que se obteriam em querenar os navios em terra, para evitar os riscos e perdas resultantes das querenas e concerto feitos no mar, d'onde resultou o invento dos *Planos Inclinados*, que estão hoje restabelecidos nas nações maritimas mais cultas da europa.

Depois, em uma serie de vinte e duas vantagens, demonstra o Sr. Santos, cabal e evidentemente, os grandes resultados que se podem tirar d'este novo invento, tanto para a marinha de guerra, como para a mercantil.

Sentimos que o pouco espaço de que podemos dispôr, nos não permitta transcrever os periodos mais importantes d'esta parte da *Memoria*: convidâmos porém os interessados a consideral-a, segundo pede a novidade e transcendencia d'este novo processo maritimo, que se acha descripto e avaliado pelo Sr. Santos com a mestria e experiencia que o tornam um dos mais competentes juizes d'esta materia em Portugal.

Eis a descripção tal qual se lê na já mencionada *Memoria*.

BREVE DESCRIPÇÃO DO PLANO INCLINADO.

« O *Plano Inclinado* compõe-se de um prolongamento de madeiros e estacas, disposto na direcção mais conveniente (segundo permittir o local) com a necessaria extensão para conter dois ou mais navios, conforme fôr o seu lote, tendo o comprimento necessario, e na extremidade inferior a capacidade precisa para receber os navios, a qual operação é feita por meio de outra machina chamada *Carroagem Amphibia*, ou *Berço Naval*, que descendo pelo *Plano Inclinado*, entra n'agua, recebe o navio, e o conduz para cima com toda a segurança, pela força motriz d'outras machinas que se lhe applicam, até o navio chegar ao logar conveniente para se lhe fazer a obra. «

« Quando o navio tem entrado completamente na *Carroagem*, é escorado sobre ella, e calçado lateralmente de um modo mui simples, e ao mesmo tempo admiravel; porque tudo é feito debaixo d'agua, sem o menor embaraço, ficando assim o navio firmemente apoiado por todo o fundo, e com a quilha assente sobre a *Carroagem*, tudo feito debaixo d'agua como se o navio estivesse em secco! «

« O grande numero de *Planos Inclinados* que ha 18 annos se tem estabelecido nos Estados-Unidos, na Inglaterra, na França, e em muitos outros portos, tem aperfeiçoado tanto os machinismos empregados nos apaerlhos, que hoje são preferidos aos *Diques*, á vista das grandissimas conveniencias e vantagens que offerecem os novos apparêlhos navaes, ou *Planos Inclinados*, constantes unicamente dos tres artefactos que deixamos descriptos, os quaes, combinados pelas leis da mechanica, teem o maravilhoso poder de mudar as que-

renas do mar para a terra, tirando os navios d'agua, até os ir pôr fóra do alcance da maré, quer estejam aparelhados ou desaparelhados, quer carregados ou descarregados, e até em estado de darem á véla.

« Proximamente vimos annunciado em um jornal litterario da primeira ordem, publicado n'esta côrte, a *Revista Universal Lisbonense* (N.° 28 d'este anno), um artefacto naval denominado *Dique Fluctuante*, cujo prestimo não pretendo contestar, mas porque tem o mesmo fim, qual o de querenar os navios por um novo processo, ainda que tambem é no mar, e o de que tracto é em terra, o que bastaria para confirmar a vantagem, que o *Plano Inclinado* leva ao *Dique Fluctuante*, e serem superfluas as demais reflexões tendentes a mostrar a superioridade de um ao outro artefacto naval; e sobram motivos para na presente occasião mostrar, que o *Dique Fluctuante* está mui longe de preencher, nem sequer um terço das vantagens e conveniencias que o *Plano Inclinado* offerece no nosso paiz; bastando só para isso ver que o dique fluctuante, servindo de querenar os navios em cima d'agua, está exposto, e mais o navio que tiver dentro, não só aos mesmos perigos que todos os navios que entre nós se querenarem sobre as barcaças, mas ainda a outros maiores. Além de que, não são evitadas as despesas de conducções de terra para o mar, augmentando precisamente outras do mar para terra etc. Sobre isto, o custo de tal artefacto e o seu costeio annual são muito maiores por seu corpo fluctuante, e ao mesmo tempo submergente, o qual, quando fôr desalagado, para poder subir a fluctuar livre, com o navio dentro, fica com os lados e o fundo interior traspassados d'agua, como deve estar o fundo do navio; e por isso os miasmas inseparaveis de todas aquellas superficies, pela falta d'ar livre, capaz de enxugar e de purificar aquelle receptaculo prejudica o grande numero de operarios que são empregados em uma querena; além de que, o dique fluctuante só póde conter dentro em si um navio, quando o plano inclinado póde, como já disse, conter dois ou mais. Estas e outras muitas considerações que ommittimos por brevidade, fizeram com que o commissionado da sua introducção não encontrasse nas nossas duas praças principaes (Lisboa e Porto) quem se quizesse associar, ao menos em numero sufficiente para poder contar com os fundos necessarios para a execução dos diques fluctuantes, e tambem porque são muito mais incommodos, e mais dispendiosos, não só no custo mas tambem no costeamento annual. «

Segue-se o projecto distribuido com a dicta *Memoria*.

PROJECTO PARA A INSTITUIÇÃO DA COMPANHIA NACIONAL QUERENANTE LUSITANA.

O FIM d'esta companhia é estabelecer em Lisboa e no Porto (ou tambem em qualquer outro ponto do reino) o *Plano Inclinado*, e suas respectivas *machinas*, para querenar, reconstruir, estacionar etc., os navios e embarcações de toda a especie, em terra, e fóra do alcance da maré, sobre o dicto *Plano*, como na sua primitiva construcção no estaleiro.

A descripção d'este maravilhoso artefacto naval, e suas principaes vantagens, se acham na *Memoria* escripta pelo ingenheiro constructor, Manuel Luiz dos Sanctos.

O governo de S. M. houve por bem conceder, para esta empresa, o privilegio exclusivo por quinze annos, sob a denominação de *Escorregadio de Martim & Azevedo*, associados hoje ao referido constructor, Manuel Luiz dos Sanctos, os quaes como installadores da companhia teem já calculado quanto devem pagar as embarcações que subirem ao *Plano Inclinado*, segundo o seu lote, e bem assim as bases e condições que devem demonstrar as vantagens d'esta empreza. «

O fundo da companhia será de 40:000$000 rs. distribuidos em acções de 100$000 rs. cada uma. Os Srs. que quizerem subscrever para esta companhia se dignarão fazel-o em carta fechada, e com a designação por extenso do numero de acções que pertendem. As assignaturas recebem-se até fins de junho do corrente anno: mas se antes se tomarem duas terças partes do mesmo total, se considerará installada a companhia, reunindo-se logo a assembléa geral para dar comêço á constituição da companhia. «

O pedido e remessa das assignaturas para as acções, se fará segundo mais convier aos pertendentes — em Lisboa a João Eclles Martim, negociante britanico, defronte da egreja da Magdalena n.° 35, 1.° andar. — Manuel Luiz dos Sanctos, ingenheiro constructor naval, Calçada do Marquez d'Abrantes n.° 35, 2.° andar. No Porto a Bernardino Joaquim de Azevedo, constructor de navios, morador em cima do Muro. »

Estamos certos de que todos os negociantes, e mórmente os proprietarios de navios hão-de auxiliar esta vantajosa empresa, para que se não diga que entre nós não vingam a invenções uteis, e já provadas nos reinos estranhos.

CONSELHOS SOBRE COISAS PORTUGUEZAS POR UM PORTUGEZ NO BRASIL.

3030 A SEGUINTE carta é do mesmo zeloso portuguez de quem já publicámos duas, que todo o publico recebeu como importantissimas

A presente, quanto a nós, não merece menos consideração.

(Carta.)

COLONIAS PORTUGUEZAS NA AFRICA.

DISSE eu na minha carta de 30 de novembro ultimo que ainda poderiamos colher grandes vantagens das nossas colonias da Africa, organisando uma companhia pelo sistema da inglesa das Indias — e hoje estou intimamente convencido de que só por meio d'ella as poderemos obter não sómente directa, mas tambem indirectamente. A companhia deve empregar todos os braços possiveis; e para os ter certos e em abundancia, póde contractar com os Regulos os serviços de seus vassallos por tempo, preço, e numero determinado. Tambem deve obstar á saída dos pretos para outros paizes, mui principalmente pela maneira e com o caracter com que são condusidos, e isto por muitas e ponderosas rasões, que deixo ao alcance dos interessados, e só farei mensão das seguintes — 1.ª para não dar pretexto aos nossos *fieis alliados* a tomarem, visitarem e deterem os navios que se empregarem no commercio licito. — 2.ª para que aquellas nações, que d'elles precisarem, e os quiserem levar na qualidade de colonos, nos concedam em troca alguns favores. — 3.ª pa-

ra de commum accordo com essas nações combinarmos os meios de fazer com que os inglezes não entorpeçam o nosso commercio colonial, e collocal-os na collisão de que de um tal procedimento lhes provenha egual ou maior damno que aquelle que nos causarem. — 4.ª finalmente, para se evitar, e em proveito da nossa industria e agricultura colonial e das mais nações que os inglezes, por meio de tomadias de navios negreiros, tenham escravos gratuitos para trabalharem nas suas colonias.

Convem tambem á companhia comprar escravos ladinos habituados aos trabalhos e processos do caffé, assucar, algodão, arroz etc. e conceder-lhes a liberdade em retribuição de uns tantos annos de direcção ou ensino dos serviços que não podem ser derigidos ou feitos por brancos, em razão do clima.

Talvez que algem esteja embuido das doctrinas e opiniões de J. B. Say a respeito da companhia ingleza das Indias, e por consequencia previnido contra uma similhante instituição. Eu porém com quanto respeite muito as doctrinas e opiniões de tão illustre e celebre economista, é aquelle um dos pontos em que não concordo com elle, antes me inclino mais á opinião de Luiz Say, quando tracta das causas da grandesa de Inglaterra; por quanto julgo que para esta poder admittir as doctrinas d'aquelle, precisava não ter que pagar uma enorme somma de juros de sua divida, e sustentar uma numerosa marinha de guerra para manter a sua influencia e conter aquelles a quem tem offendido na sua liberdade e nos seus interesses.

Precisava tambem que o povo inglez não tivesse de pagar maiores impostos que os que pagam outros quaes quer povos [como por exemplo os allemães] e que podesse manter-se ao mesmo preço. Redusida a Inglaglaterra a este estado poderia prescindir do exclusivo, com o qual, diz João Baptista Say, ella despende 68 milhões e recebe sómente 20; porém parece-me que seria mais exacta a proposição d'aquelle economista, se dissesse, que os 48 milhões excedentes que directamente desembolça, indirectamente os reembolça, e a razão é mui simples; pois sustentando o commercio d'aquella companhia, grande parte da marinha mercante inglesa, um bom numero das fabricas do reino unido, e por consequencia os seus artifices; obrigando as populações da India a consumir-lhes as manufacturas pelos preços que elles querem, de que consta uma grande parte da sua riquesa, e d'onde percebem os tributos para fazer face ás suas despesas, certamente lhes reverte em dôbro aquelle desembolço, e nem eu considero os inglezes e seu governo tão miopes ou nescios, que por tantos annos fizessem similhante sacrificio sem colher d'elle bons resultados. Tendo dicto o que me occorre a respeito das nossas colonias, direi tambem alguma coisa ácerca da fatal emigração.

EMIGRAÇÃO PARA O BRASIL.

O navio *Commercio Maritimo*, do Porto, aportado aqui em 26 de desembro do anno passado trouxe 300 passageiros, dos quaes mais de 200 comendo do rancho de prôa e 8 em cada tina, como cevados. A distribuição de agua era presidida pelo contramestre, o qual apenas os miseraveis tinham bebido alguns golos, os não deixava beber mais, e servia com um calabrote aos que, a elle lhe parecia, excediam o seu calculo. Comida pouca e mal cosinhada; agua pessima, e quantidade que já disse; por cama o convez, a lancha, e um pequeno espaço do porão em que vinha uma porção de cebolas, foram a causa de que a maior parte d'aquelles infelizes chegassem com uma terrivel molestia de olhos, da qual alguns falleceram, muitos cegaram completamente, e outros ainda estão padecendo!!!

O malvado do capitão, e o monstro do contramestre, segundo dizem os passageiros, comprasiam-se em mandar de noite despejar baldes de agua salgada sobre aquelles que dormiam no convez!!! Logo que o navio chegou á barra, ordenou o capitão a todos os passageiros que vinham doentes, tirassem os lenços que trasiam amarrados na cabeça cobrindo os olhos, e que se o não fizessem, a visita de saude, vendo alguem n'esse estado, faria saír o navio e ter uma grande quarentena fóra da barra, e que se tal acontecesse os havia matar a calabrote!.. Assim que os passageiros desembarcaram, e se soube do máu tratamento que tiveram e do misero estado em que vinham, e sendo vistos estes desgraçados atravessarem as ruas aos magotes, e os doentes e cegos segurando-se aos sãos, que mettiam compaixão, foi tal e tão geral o clamor e a indignação contra o barbaro capitão do navio, que obrigaram o consul a ír a bordo com medicos e peritos, os quaes depois de maduro e reflectido exame declararam que os mantimentos, bem que em abundancia, eram pessimos; a agua peior, e o espaço que o capitão lhes mostrára em que trouxera os passageiros, apesar de já estar desempachado das caixas dos mesmos e das cebolas, não podia ainda assim mesmo acommodar ametade das pessoas que elle disse alli trouxera; e que as cebolas, proximo ás quaes dormiam, tinham sido uma das principaes causas das molestias dos passageiros, porque grande parte d'ellas apodreceram e fermentaram.

O consul convidou os passageiros a deporem o que soubessem contra e a favor do capitão, mas até hoje não sei em que pára o processo. Os navios *Commercio Maritimo* — *Oliveira* — *Orestes* — *Subtil* — *Ferreira* — um da Madeira e outro de S. Migael, condusiram para este ponto para mais de 1:400 passageiros, e isto desde meado dezembro do anno passado até fins de janeiro do corrente, e d'este numero de passageiros ametade seguramente ainda até hoje não obtiveram arrumação.

¡ Os armadores do Porto parece que não podem costear os seus navios senão despovoando Portugal! Maldição do céu sobre elles, e á execração publica e ao desprêso sejam votados entes taes que querem fazer fortuna á custa da humanidade e das desgraças do seu paiz!.... E desgraçadamente esses armadores, os capitães e seus agentes teem o nome de portuguezes!!! Ah! se ainda são susceptiveis de remorsos, e se de outra fórma não pódem fazer navegar os navios, que os vendam ou os queimem, mas não flagellem a humanidade; não mandem emissarios pelas aldêas com estudadas e mentirosas historias de riquezas e fortunas, etc., ganhando 4$800 réis por cada filho que arrancam, talvez, á mãe viuva; ao octogenario pae, a quem servia de arrimo; o irmão á irmã orphã; o marido á mulher, deixando-a sem meios de subsistencia e entregue a si mesma; á patria os bra-

ços de que necessita para a lavoira, para a industria e para a defenderem. Os capitães dos navios, que transportam maior numero de passageiros, do que permitte a sua lotação na conformidade dos decretos do governo a esse respeito, costumam, passados alguns dias de viagem, lavrar um protesto em como, depois da saída do Porto, appareceram tantos passageiros [o numero que excede ao permittido] a bórdo do navio de seu commando, munidos de passaportes, que n'elle se haviam occultado sem sciencia sua; como se fosse possivel, e menos crivel, que em uma embarcação como o *Commercio Maritimo*, se podessem occultar, sem consentimento do capitão, 100 pessoas com seus bahús, caixas e colchões, quanto mais duzentas que n'elle vieram além do permittido, em consequencia da carga que trouxe! O que porém é ainda mais escandaloso é o procedimento dos empregados da visita na saída do Porto; porque é impossivel, a não serem cegos, que não vejam esse extraordinario numero de passageiros e os não façam desembarcar. Se esta emigração não fosse tolerada e até protegida pelas auctoridades encarregadas de a evitar; se os empregados da visita, em logar de tractarem de comezainas e de encherem as algibeiras, cumprissem com o seu dever e obrigação, não haviam os navios de trazer enxames taes.

Se o governo não prestar mui séria attenção a similante trafico; se não empregar pessoas capazes, que façam effectivas a suas ordens a respeito d'elle, dentro de pouco tempo os navios procedentes do Porto não trazem outra carga, senão passageiros.

Assim como os armadores e capitães de navios mandam emissarios a recrutar passageiros, tambem o governo devia mandar affixar pelas portas das matrizes, pelos carvalhos á beira das estradas, nas praças e nas esquinas das ruas das villas e cidades do Minho, Doiro, Tras-os-Montes e Beira editaes de suas ordens e decretos, e extractos dos artigos que ácerca da emigração publicam os periodicos d'esse reino, e tambem de alguns d'este imperio, que de vez em quando publicam bocadinhos de oiro a nosso respeito, como por exemplo o Pharol Constitucional, do qual junctos lhe remetto os n.os 104 e 105, para que V. de sirva, caso n'isso convenha, transcrever na Revista os artigos que nos dizem respeito; mas o governo não sómente deve instruir os povos dos males da emigração, porém tambem proceder contra esses emissarios que andam seduzindo a nossos concidadãos para abandonarem seus lares e suas familias.

CONSULADO PORTUGUEZ NO BRAZIL.

Na minha ultima carta disse que o procedimento no consulado, a respeito dos espolios dos portuguezes fallecidos, tinha dado motivo a que fossem recolhidos ao deposito publico os productos dos dictos espolios, e hoje tenho de accrescentar que tem havido um grande conflicto de jurisdicção entre o vice-consul e o juiz dos orphãos por causa das arrecadações que este diz lhe competem e não ao consul, chegando a ponto de mandar arrombar a machados portas selladas com o sello do consulado, e mandar carregar para o deposito os espolios de que o consul tinha começado a arrecadação; fundando-se o juiz no artigo 43 do decreto de 9 de maio de 1843 que diz, que a elle (juiz) compete fazer arrecadar os bens jacentes, vagos, e dos estrangeiros subditos de nações com quem não haja tractados com clausulas especiaes a este respeito; e o consul diz que — não competem ao juiz, e sim a elle, as arrecadações dos espolios de portuguezes fallecidos, fundando-se para isto no art. 5.º do tractado da independencia, combinado com o art. 3.º do tractado d'este imperio com a Inglaterra: aquelle artigo diz que os portuguezes gosarão no Brazil, em suas pessoas e propriedades, das mesmas regalias que gosarem os subditos da nação mais favorecida; ora a nação mais favorecida é a inglesa e o art. 3.º do seu tractado diz, que os consules poderão administrar, arrecadar &c., os bens dos subditos de sua nação. Á vista d'isto creio que o consul obra em regra, e que tudo quanto praticarem contra aquillo a que temos direito, é uma manifesta e escandalosa violação dos tractados e do direito das gentes, e o maior aviltamento para aquelle que silencioso o tolerar. Não entrarei agora na questão de conveniencia ou inconveniencia para os herdeiros em a arrecadação ser feita por um ou por outro, mas sómente na da quebra, que soffre nosso credito e honra como nação. Se o empregado não merece, ou gosa confiança, substituam-n'o por um que a mereça; mas não se consinta nem tolere, que se rebaixe ou avilte a nação na pessoa de um empregado que a representa, e muito menos se sanccione a usurpação de uma tão importante regalia, como a da arrecadação dos espolios de nossos concidadãos por seus juizes naturaes, emquanto por direito ou tractados nos competir. Consta-me que o vice consul levára isto ao conhecimento do nosso encarregado de negocios, e por mais de uma vez: porém que este se não tem querido involver n'esta questão, nem reclamar ou protestar por nossos direitos (o que me custa a accreditar) e que o vice consul á vista de tal negativa, reclamára os seus direitos e justiça ao governo imperial, e que este mandára informar o procurador da corôa, em poder de quem até hoje dormem as reclamações a tal respeito, e o juiz vae indo para diante, a ponto que o consul se viu obrigado a pedir uma audiencia ao imperador para se queixar, porém não sei o que n'ella se passou.

INDUSTRIA.

Pelas ultimas noticias, que d'ahi vieram, vejo que a nossa industria e o nosso commercio vão melhorando; que o tractado com a Inglaterra ficára em embrião, e que do Porto já tinham saído tres navios carregados de vinho para a China.

Deus felicite o meu paiz. De V. etc.

Rio de Janeiro 1.º de Março de 1844.

Seu Assignante Affectuoso e Constante Leitor.

MEIO DE EXTRAIR DAS BATATAS A FÉCULA.

3031 A BATATA é a unica planta cuja fécula tem entre nós usos domesticos, e se póde vender por baixo preço. O methodo mais simples para se ella obter consiste: em lavar em muitas aguas as batatas: depois ralal-as para dentro de agua, passal-as por um peneiro, que deixa saír a fécula, retendo em cima as cascas e mais partes impuras. Quando a operação está acabada, decanta-se a agua, lava-se a fécula, torna a decantar-se, e isto até que a agua não leve coisa alguma soluvel do precipitado: depois secca-se a fécula ao sol, ou n'uma estufa.

A fécula assim obtida apresenta um pó impalpavel,

e crystallino conservando em sua alvura, um pequena côr azulada.

Este pó sabem todos que serve, não só para caldos e outros usos de meza, mas tambem e optimamente para gomma de camisas e de objectos mais finos. *Isidóro José Gonçalves.*

COMMERCIO DE VINHOS DA MADEIRA.

3032 Parece-nos importante o assumpto da seguinte carta. Objecto é este, não só ligado com a propriedade nacional, mas mais intimamente com a de uma nossas mais ricas possessões. O mercado dos Estados-Unidos, já hoje interessante, póde vir a tornar-se de incalculaveis vantagens para a nossa agricultura, e todos os esclarecimentos sobre tão ponderosa materia são dignos do público reconhecimento.

Sr. Redactor. — Nova-York 3 de março de 1844. — De um mappa official das importações de vinhos nos Estados-Unidos d'America, desde o 1.° de octubro de 1842 a 30 de junho de 1843, que se formulára para o senado americano, extraí eu o que dizia respeito a vinhos portuguezes, onde mostra o custo do vinho da Madeira, segundo a factura, o que pagou de direitos especificos de conformidade com a pauta de 1842, bem como o seu equivalente e direitos *ad valorem*. O resultado do meu trabalho é o seguinte:

Mappa official das importações de vinhos portuguezes nos Estados-Unidos d'America desde o 1.° de octubro de 1842 a 30 de junho de 1843.

Qualidades.	Direito.	Gal.s	Valor	Imp. dos Direitos.	Aq̃ corresp. ad valorem.
Madeira.	a 60 Cts Gd.	3949	9075!	3369-4 0cts	26 11 p. c.
Porto engarrafado.	a 35 » »	328	624	114—80	18 2/3 »
Dito em cascos.	a 15 » »	38593	35714	5788--95	16 21 »
Porto branco em cascos.	a 7 1/2 »	24354	9027	1826--55	20 2/3 »

V. observará que o vinho da Madeira vem cotado com um preço exorbitante, que não é real, e provém do costume que teem os nossos negociantes de designar um valor ficticio nas facturas do vinho que embarcam para os Estados-Unidos, na idéa de alcançarem por este meio um preço maior. Este systema deverá ser abandonado por inefficaz, e talvez pernicioso.

O valor do vinho da Madeira não é regulado senão pelas existencias, e preço do mercado, com referencia á respectiva qualidade; e se porventura elle vier a pagar nos Estados-Unidos um direito *ad valorem*, emvez de um fixo, então a differença no valor que as facturas hão-de offerecer, dará motivo a dúvidas e difficuldades nas alfandegas americanas em prejuiso dos interesses dos possuidores d'aquelle genero.

Rogo a V. queira dar logar nas columnas do seu accreditado jornal a estas minhas idéas que emitto no interesse dos meus patricios. Tenho a honra de ser de V. muito attento venerador e criado. — Um Madeirense. *Restauração.*

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

16 de Junho de 1647.

D. IGNACIA XAVIER.

3033 D. Ignacia Xavier, que por appellido não perca, foi uma dama bracharense de muita nomeada por sua sabedoria. Contam d'ella os biographos que na rhetorica não tinha inveja a Cypriano Soares, na philosophia egualava a Pedro da Fonseca, na mathematica não ficava abaixo de Pedro Nunes, na medicina corria parelhas com Rodrigo de Castro, e em historia dava sotta e az a uma academia real inteira. — Não deu á luz obra alguma, ainda que consta que as compôz, e se nomêam, uma Arte de bem fallar; Antiguidades de Braga; e a vida de uma veneravel matrona, sua contemporanea. — Morreu a 16 de Junho de 1647.

Sic transit gloria mundi.

J. H. da Cunha Rivara.

SOBRE A VERSIFICAÇÃO LATINA.

(Carta)

3034 Ao ler a judiciosa critica, que de meus versos latinos V. publicou em a *Revista Universal Lisbonense* n.° 42 artigo 3019, não deixei de exultar, por ver que uma obra tão insignificante merecen a sua attenção, e agradecendo a V. as dictas reflexões, que sobre alguns dos meus versos faz, não posso deixar de dizer alguma coisa, para que as pessoas que não teem conhecimentos de latinidade me não considerem ignorante completo da materia, que ensino desde 15 de junho de 1837, e que estudo desde 4 de octubro de 1819. Portanto, o que vou a dizer, não é para contrariar a V.; mas para mostrar em que razões me fundei para compôr esses versos.

Que eu mesmo não approvo a *Prælusio poetica* se vê d'estas palavras do meu prologo, paginas sete — *multa in Prælusione poetica cum tamen expolire potuissem, ea ut erant imperfecta relinquo, melius ut hæc ab iis quæ sequuntur discerni possint.* Perdêe V. que eu traduza para intelligencia dos que não sabem latim — *ainda que eu podesse aperfeiçoar muitas coisas no meu ensaio poetico, as deixo imperfeitas como estavam, afim de que melhor se possam distinguir das peças que se lhe seguem.*

¿Como seria possivel a um homem que nunca havia feito um só verso latino, acertar logo ao principio? Não ha duvida que podia aperfeiçoar a sua obra, quando a publicasse juncta com outras, isto é o que não fiz, usando de sinceridade, porque os sabios intendem o meu pensamento, e V. melhor que ninguem.

Nota V. a falta de travamento em alguns dos meus hexâmetros; esta advertencia me fez o doctor *Vicente Pedro Nolasco da Cunha*, e uma só licção d'este famoso litterato bastou para eu me emendar quanto me foi possivel. V. bem sabe que nas nossas aulas já se não ensina a compôr, mas sim a medir versos, e d'esta falta resulta o que me aconteceu. Portanto, n'isto vamos de accordo, ainda que a travação dos hexâmetros, mesmo em grandes poetas, não é exactamente observada algumas vezes. Deixemos porém de referir exemplos.

Nota V. de errado o seguinte verso —

Cordaque irrigat etc. dizendo que não se póde admittir o choreu ou trocheu. Respondo a V. com o verso 211 do 3.° liv. da Eneida,

Insulae Ionio in magno etc.

No meu verso, pela figura dialepha não absorvo a vogal seguinte, no que imitei Virgilio n'aquelle logar da écloga 8 v. 41.

Ut vidi, ut perii, ut me etc.

No verso 281 do L. 1.° das Georgicas.

Ter sunt conati imponere etc.

No verso 437 do mesmo liv.

Glauco, et Panopeae, et Inoo Melicertae;

e em muitos outros, não de Virgilio, mas de outros poetas.

No citado verso de Virgilio — *Insulæ Ionio*, *etc.*, temos no 1.º pé um choreu infallivelmente, se a syllaba fôr absorvida com a 1.ª do *Ionio*· se o não fôr, por força é crético o dicto pé; aliás fez o poeta breve o dilhongo æ, como outras vezes praticou, mas ainda n'este caso não fez synalepha com a vogal seguinte. O mesmo fiz eu.

Isto mesmo se póde fazer no verso, que V. aponta na minha obra — *Tum mihi fulvus Apollo ab astris* — usando de dialepha, ou fazendo a proposição longa, visto ser absorvida pela ultima de Apollo, que é commum, ou pelas seguintes razões.

Melhor do que eu, sabe V. quanto é exclusiva a liberdade que dão as figuras do verso; como diria Virgilio, sem esta liberdade: —

Ille latus niveum molli fultus hyacintho? na eclog. 5. v. 53.
Muneribus tibi pampineo gravidus autumno? Georg. l. 2. v. 5.
Cernere erat: totumque instructo Marte videres? Eneid. l. 8. v. 676.

E' seguindo a mesma liberdade, que Horacio não duvidou dizer, Sat. 3. v. 7.

Usque ad mala citaret, io Bacche modo *summa.*

¡ Quem póde negar, que taes syllabas são breves, e que os auctores pela figura diastole as fizeram longas? Foi usando da dieresis, que eu fiz trissyllaba a palabra *Lingua*, que tambem só por sinerese poderá ser de duas, ou eu me engano; apesar dos auctores assim a trazerem, de certo, que diphtongo não ha aqui, podendo com tudo ser liquida a lettra *u*, de que temos alguns exemplos.

Taes explicações, e não impugnações ao doctissimo artigo de V., são necessarias a um homem da minha profissão. O grande amor, que ambos consagramos á lingua latina nos faz publicar nossas idéas; com esta differença porém, que, as de V. são licções de mestre, e as minhas, são respostas de discipulo, sempre amigo de estudar, e apprender dos grandes mestres, mormente em um objecto de tanta consideração. Peço a V. se digne publicar estas mal arranjadas linhas, para que o Publico as veja, e conheça em nós dois amantes dicididos pelas bellezas do immortal Virgilio.

Collegio de S. Patricio, de Padres irlandezes, em 8 de junho de 1844.

De V. etc.
Francisco Antonio Martins Bastos.

—

RESPOSTA.

3035 Sobre maneira penhorado o redactor com a urbanidade da carta supra, e satisfeitissimo de ter emfim encontrado um auctor, a quem a critica decente e amigavel não irritasse e endoidecesse, como suprema affronta, de melhor vontade empregaria este espaço em recommendar ao vulgo litterario, como exemplar de disputadores sensatos e honestos, o Sr. *Martins Bastos*, se as pequenas duvidas, em que versa a discussão, não carecessem de ser ainda averiguadas, — não por interesse de amor proprio, que nenhum de nós o tem, — mas em beneficio d'este, já hoje tão despresado, ramo da boa litteratura, chamado latinidade.

Eis-aqui pois, no mais apertado resumo possivel, as nossas idéas sobre o ponto; — como consultações e não dogmas as offerecemos ao nosso erudito correspondente.

¿ A licença poetica, a horaciana *potestas quidlibet andendi* terá para nós eguaes ambitos em qualquer lingua, em que escrevamos? Quanto ao que é pensamento ou uso de trópos e figuras, que ao pensamento se refiram, concederemos que — sim: quanto porém á contextura material dos vocabulos, á mechanica da sua sintaxe e ao modo peculiar da sua collocação, intendemos que — não. Muita coisa ousará na sua lingua um ingenho creador, que um estrangeiro se não permittiria, se n'ella se affoitasse a escrever: franquesas de dono de casa, ou de hóspede, diferem muito. Ora se tentando-nos a compor, por exemplo, em francez nenhum de nós se resolveria a empregar [como Victor Hugo, Sainte Beuve e outros] uma inversão que n'essa lingua fosse estranha ou a introduzir-lhe uma palavra nova, embora dedusida de boa fonte, conforme a todas as regras da derivação e da analogia, clara no seu sentido e até necessaria, ¿ quanto mais atadas nos não ficam logo as mãos quando nos houvermos de tomar com lingua, não só alheia senão morta, e como tal immovel e sagrada? Mas, diz-se, as systoles e diastoles, a conversão das syllabas breves em longas, e das longas em breves apparecem nos melhores poetas do seculo de Augusto; e nós usando de systoles e diastoles, mais não fazemos do que imital-os. Eis-aqui a nosso ver, onde é outra vez indispensavel distinguir: todos os vocabulos que esses donos da sua lingua transformaram por essas ou quaesquer outras figuras da dicção, todos esses pés ou hemystichios, errados, segundo as regras communs, mas por elles empregados, e, como taes, legitimados, podemos adoptal-os sem nenhum escrupulo; mas nada mais do que adoptal-os. O imital-os para outras hypotheses, por mais perfeitamente analogas que ellas nos pareçam a esses exemplos, seria já abusar da licença. Se algum poeta romano fez longo o *ab*, embora faça quem da necessidade se vir apertado longo o *ab*: mas, por mais que a necessidade o aperte, não faça o *ab* longo só porque Virgilio fez uma vez longa a primeira de *patrum*.

Esta cautella observaram sempre os poetas modernos de melhor nota quando poetaram em latim; e duvidamos de que em Sannasaro, Pontano, Vida, Fracastor, Petrarca, Sidronio Oschio, Scaligero, Vanier, Santeuil, Milton, e outros de egual jaez se encontre um só caso de palavra latina por elles, sem bom e classico exemplo, adulterada. As figuras por que se ommittem ou se accrescentam lettras no principio, no meio ou no fim de um vocabulo, tambem absolutamente não são erros: mas assim como *perla*, *seelo*, *mármor* e *imigo* que poetas nossos empregaram, não auctorisariam a um francez, a um italiano ou a um portuguez das duzias para escreverem, por exemplo, *paldo* por *pallido*, *hordo* por *horrido*, ou *pagin* por *pagina*, assim, e muito menos, por Virgilio ter escripto *saeclorum* por *saeculorum*, não poderemos nós escrever *maclorum* por *macularum*. Usarei com extrema necessidade da paragóge *admitier* por *admiti*, porque da Eneida a tomo; mas nem por isso farei, de *amari*, *amarier*.

Para este escrupulo parece-nos haver uma excellente razão. — Nós não fallamos o latim, não conhecemos, nem já poderemos adivinhar a sua pronuncia, o seu *quid* vivo. Se nos versos latinos, que fazemos com a observancia de todas as regras, caímos talvez frequentes vezes em coisas de que um barbeiro ou um menino romano se ririam, e que a Cicero fariam dar tres pulos na sua cadeira curul, ¡¿ quanto maior não será esse perigo em nos arremessando por inauditas innovações?!

¿ Sabemos nós finalmente o como todos esses versos fóra do commum, compostos por Horacio, por Virgilio ou por Ovidio eram declamados? ¿ Sabemos o geito que elles e os seus conterraneos teriam para os fazerem soar certos? ¿ Poderemos sequer affirmar, com

plena consciencia, que essas syllabas breves, que nós julgamos terem sido alongadas, ou essas longas, que suppomos se abreviaram, padeceram realmente similhante metamorphose? ¿Assim como o verso hexâmetro admitte o espondaico, isto é, póde ter no logar do dactylo do quinto pé um espondeu, não caberiam n'elle além de espondeus e dactylos outros generos de pés, como no final se admitte o trocheu?

É verdade que os unicos homens, que poderiam devidamente avaliar estes erros da nossa metreficação latina, estão mudos, enterrados e desfeitos ha muitos seculos — mudos, enterrados e desfeitos até ao ultimo; e ás orelhas dos que hoje vivem, por mais que barbarisemos, já com isso se não fará nenhum escandalo grave: ¿mas commetteremos o mal, só pela certeza de não sermos punidos, nem descobertos? Essa mesma impossibilidade, que uma lingua tem de puxar pelos seu fóros, ¿não será antes argumento para que lh'os respeitemos? ¿Não é uma flagrante contradicção, que no acto mesmo em que estamos tributando um culto livre e espontaneo ás musas romanas, lhes façamos momos e esgares, porque, dizemos nós, estão convertidas em estatuas, os seus olhos são de pedra e não nos enxergam?!

Eis-aqui, e mais longa do que tencionavamos, a nossa candida resposta. A decisão, que sobre ella der o Sr. *Bastos*, será sem duvida a mais acertada, porque ninguem hoje cultiva com mais fé, nem com mais sincero amor, este genero de litteratura.

D. SEBASTIÃO-O-DESEJADO.

LENDA NACIONAL.

V.

D'est'arte me figura a fantazia
A vida com que vivo desterrado
Do bem que n'outro tempo possuia;
. . . . . .
Alli vejo a caduca e debil gloria
Desenganar meu êrro co'a mudança,
Que faz a fragil vida transitoria.

(CAMÕES. — Elegia III.)

VINTE ANNOS DEPOIS.

3036 O SOL, com toda a magestade, dardejava os seus raios sobre Veneza.

A orgulhosa senhora do Adriatico, postoque já então decaída do antigo poderio, e espoliada da sua corôa dos mares pelos navegadores portuguezes — que a haviam de ceder aos batavos e bretões — conservava ainda seu apparato de grandeza como nos dias de gloria. — Nos seus bellos canaes se espelhavam palacios de senhores opulentos, aonde a magnificencia excedia o gôsto delicado, mas que eram todavia elegantes, — e defronte das portadas gothicas se viam muitas gondolas ricamente adornadas, e se escutavam os mais bellos versos do Tasso e do Ariosto, cantados pelos rudes gondoleiros. — Uma cidade populosa, transitando por pontes e canaes no seu mesmo recinto, é um objecto tão original, que fará esquecer ao viajante todos os logares do mundo, embora não encontre em Veneza ruas espaçosas e carroagens magnificas, que são ahi desnecessarias, — embora não devise uma fevra de vegetação, que lá está o continente para abastecer de fructos e flores.

Era sobretudo a *Piazeta* o que em Veneza se admirava no seculo XVI. — De um lado o templo de S. Marcos, onde se impetrava a justiça divina pela mediação do bom Evangelista protector da cidade, — do outro o palacio ducal, em cujo recinto as mais sanctas leis da equidade eram calcadas por aquelles que deveram velar na sua guarda, — o doge, o senado, os inquisidores de estado, conselho dos dez e supremo, arbitros d'esta republica, mais cruelmente flagelada, do que o seria sob o despotismo de um tirano coroado: — d'alli onde reinava o fausto, a devassidão e o orgulho, se passava por pequena ponte para um logar de miseria, escravidão e oprobrio: — era a prisão de estado, separada do palacio pela celebre *ponte dos suspiros*. — No meio da praça, encostado á columna do leão, apparecia quotidianamente um vulto sinistro, coberto de lucto, ocultando o rosto em uma mascara e armado de punhal; — o seu mister era um gráu mais infame que o do carrasco — chamavam-lhe *o bravo*, e executava as vinganças particulares do conselho dos dez, e dos inquisidores de estado.

Porém é mister irmos procurar uma pequena casa perto da ponte da *Paglia*.

O exterior da morada não denuncía morador opulento: dentro algumas poltronas e assentos rasos, dois bofetes, sobre um dos quaes um espelho, objecto de pouco preço n'aquella cidade, e um retrato de elrei D. Sebastião com tosca moldura.

Juncto ao bofete de voluto estão sentados dois homens de edade desegual, mas pelas feições, conterraneos; cunho hispanhol — mixto da circumspecção dos godos, e da vivacidade dos arabes. — Um mancebo, vestido á franceza, acaba de entrar: os dois se levantaram apertando os punhaes com a mão, como quem se arreceia de alguma aleivosia.

— ¿E' aqui, perguntou o recém-chegado, fazendo uma leve inclinação de cabeça, a poisada de Pantaleão Pessôa? ¿Será algum de vossas mercês o cavalheiro que procuro?

— Eu sou quem buscaes, respondeu o mais moço, ¿e vós senhor quem sois, d'onde vindes, e a que fim?

— Meu nome é Pero Pantoja, e sou donzel do serviço do senhor D. Christovam, rei de Portugal; tornou o mancebo fazendo uma profunda venia, e menção de tirar o gôrro de veludo que trazia na cabeça; depois continuou: — Venho de Paris por Marselha, e trago para v. m. uma carta do muito nobre e leal D. João de Castro, conselheiro de estado que foi dos senhores D. Sebastião e D. Antonio.

Abriu então o seu corpete de raso escarlate com passamanes de prata, e tirou um papel fechado com um fio de seda verde, que entregou a Pantaleão Pessôa; este passou ligeiramente pelos olhos o conteúdo do escripto, e depois voltando-se para o seu amigo, disse: — Escutae, Antonio de Brito, o que nos diz D. João: — e leu o que segue:

« Depois da infeliz expedição de D. Antonio de Menezes á costa da Mina em 1589, a procurar o nosso bom rei D. Sebastião que se dizia estar alli; não tendo voltado durante nove annos, havia eu desanimado: porém o padre Fr. Estevam Caveira, da familia dos Sampaios, que aqui reside na cidade de Nantes, veio ha pouco procurar-me, e com indicios novos alentou a fé que me falecia, mostrando-me mui-

tas prophecias que dão como vivo o *Desejado*; algumas das quaes, encontradas entre os papeis de um moiro de Granada, com a data de 1510, são de tal maneira claras que me pareceu bem mandar-vos d'ellas um extracto, que incluso achareis. Por onde espero em Nosso Senhor, na Virgem Maria e no bemaventurado Martyr S. Sebastião, que ainda verei, com estes olhos peccadores, assentado no throno de Portugal o *Encoberto.* »

— A prophecia reza assim, continuou elle tomando outro papel annexo á carta:

Lá n'esses tempos vindoiros
Grandes feitos se verão
etc. etc. etc.

— ¿Que dizeis a isto?

— Digo, respondeu Antonio de Brito Pimentel, que nada creio, senão o que vejo.

— Mas, tornou Pantaleão Pessôa, não ouvimos nós a narração d'esse homem que ha alguns mezes chegou a Veneza, enviado, como diz ser, de elrei D. Sebastião, e que afiança ser elle vivo e estar proximo a apparecer!

— Que credito merece esse homem que tem atravessado a Italia como mendigo, com os vestidos despedaçados, e a barba crescida como um ermitão; que chegando a Veneza se foi alojar na *Côrte Contarina*, bairro de infamia e prostituição, e que escolheu por hospede um miseravel cosinheiro, Misser Francisco Chypriota?...

— Não continueis, atalhou Pantaleão com o subito de quem acaba de tomar uma resolução, é essa uma censura que os estrangeiros nos deveram fazer, mas eu vou impedil-a para o futuro; vou repartir esta pequena caza e o meu parco alimento com o enviado de elrei, e agradecer ao pobre chypriota a hospitalidade, que, só elle, offereceu ao perigrino.

I'a a partir, mas reparou em que o joven portador da carta ainda se não ausentára; voltou e disse-lhe:

— ¿Amigo, viestes a Veneza só por esta carta? — ¿Esperaes a resposta?

— ¡¿Não vos disse que era donzel do serviço de elrei!? — tornou o pagem, picado de assim ver menoscabada a sua dignidade de cortezão, ainda, que sem côrte, — vim, proseguiu, como addido ao muito nobre e excellente senhor Manuel de Brito de Almeida que foi valido de D. Antonio, e hoje é embaixador de D. Christovam. Depois abaixando a voz e com ar de importancia, como quem estava ao cabo dos segredos de seu amo, continuou: vimos solicitar a protecção da republica e do papa para a restauração de Portugal; mais facil agora pela morte de Fillippe II, que já conta dois mezes e tantos dias de sepultura.

— Offerecei da minha parte a Manuel de Brito esta humilde poisada: e vós, Pimentel, ficae para o receber; eu vou aonde o dever me chama. Adeus senhores.

Chegado á ponte da *Paglia* alugou uma gondola, e vogando pelo *Canalazo*, calcançou o arrabalde denominado *Côrte Contarina*: bairro feio e hediondo: parecia que todos os flagelos lhe tinham caído; a guerra destruindo os edificios grandes, a peste infectando o ar, e a fome consumindo os habitantes; só rostos lividos e o descáro da devassidão ahi se encontrava. Pantaleão caminhava apressado em demanda da caza do chypriota, que breve descobriu. Uma pequena porta, por onde mal cabia um homem curvado, e uma fraca gelosia entre paredes gretadas, e debaixo de um tecto em ruinas eram o panno de bocca d'este theatro; dentro, via-se uma mulher asquerosa, cercada de quatro ou cinco creanças, quasi nuas e chorando por pão: era a familia de Francisco, o cosinheiro; o qual estava sentado em o unico escabelo que se enxergava no aposento, juncto a uma porta mais pequena ainda do que a da entrada.

— ¿O nosso homem? lhe perguntou Pantaleão, entrando.

— Está dormindo — respondeu seccamente o hóspede.

— Não importa, necessito de fallar-lhe.

— Abri essa porta e entrae; achal-o-heis n'esse quarto — unico que temos, além d'este onde eu durmo, minha mulher e seis filhos.

Pantaleão, já quasi soffocado pelo pestilencial da caza, abriu a porta e .... ¡que viu elle! Um cubiculo escuro, fetido, sem luz nem ar, e sobre uma pouca de palha o homem que procurava.

— Senhor, saí d'este logar.

O desconhecido acordou sobresaltado e ergueu-se.

— Quem sois vós?.... Ah! Pantaleão Pessoa....

— Saí d'este inferno, senhor; quem quer que sejaes, vinde habitar a minha pobre caza, e lá nos revelareis se quizerdes...

Dizendo isto foi conduzindo o homem mysterioso para fóra da pocilga, e passando juncto ao chypriota lhe deixou caír em uma das mãos algumas moedas de prata; encaminhou-se depois para a porta principal; e já transpunha o limiar quando uma voz forte lhe bradou de fóra:

— Larga esse homem que pertence á justiça:

E alguns aguazís se apoderaram immediatamente do mendigo, separando-o de Pessoa, o qual clamou irado:

— ¿Porque prendeis este homem? — raça.... !

— É á ordem do conselho dos dez, interrompeu pausadamente o cabo dos aguazís, creio não tentareis resistir-lhe?

O portuguez sabia bem o que era aquelle tribunal de sangue que tinha por delegados o carrasco e o bravo; não continuou.

— Salvae o vosso rei, Pantaleão Pessoa! — exclamou o desgraçado preso.

— ¿Aonde está elle? que perigo corre? — tornou Pantaleão suffocado, e lançando os olhos em derredor.

— ¡Está nas mãos dos familiares da inquisição.... corre o perigo de ser assassinado!....

Estas palavras soltou o incognito debatendo-se entre os sayões, que o arrastavam. — Pantaleão Pessoa ficou assombrado, immovel, silencioso um momento, — depois olhou em roda de si e não enxergou viva alma; quiz duvidar do passado, como de um sonho, e alfim exclamou:

— Pois era elrei de Portugal que eu vi em tanta miseria!....

E correu para o canal.

Francisco Maria Bordallo.

(Continuar-se-ha.)

NOTICIAS.

CATHECISMO DE AGRICULTURA.

3037 Ouvimos que o distincto cavalheiro o Sr. Manuel Maria Holbeche, movido do seu ardentissimo desejo de vêr prosperada a agricultura patria, e vencendo a sua natural modestia se determinou emfim a escrever, como os seus amigos ha muito lhe supplicavam, um manual ou cathecismo dos lavradores.

Todas as pesoas, que teem visto a perfeição, com que são fabricadas as fazendas do Sr. Holbeche no Ribatejo, que já hoje, dizem os intendedores, poderiam servir de eschola rural, devem estar persuadidas de que ninguem poderia, melhor do que elle, ensinar escrevendo aquillo mesmo, que ha já annos está ensinando pelo seu exemplo. Espirito cultivado e profundo, inventivo e positivo junctamente, o Sr. Holbeche tem presenceado pela leitura todos os progressos modernissimos da sciencia, tem experimentado e julgado os novos methodos, adoptado, melhorado e inventado instrumentos; e, com uma paciencia e perseverança quasi heroicas, luctado braço a braço com o ramerrão, e vencido e convencido, não pelos ouvidos senão pelos olhos, a ferrenha incredulidade de muitos dos rusticos seus visinhos.

Com estas qualidades, com tanta theoria, tanta pratica, tanto zèlo, não é mister sermos prophetas para predizermos com segurança — que o seu cathecismo será um dos livros mais solidamente uteis, que jámais poderemos annunciar.

CHARIDADE EXEMPLAR.

(Communicado.)

3038 Constava-me havia muito que a Sr.ª Duquesa de Palmella mandava destribuir, duas veses por semana, uma ração a muitos necessitados das differentes freguezias da cidade; ignorava porém a qualidade da esmola, o numero dos soccorridos, o logar e modo da destribuição: o acaso m'o fez descobrir. Passava um dos dias da semana ultima pelo largo do chafariz do Rato, e deu-me na vista uma grande multidão de indigentes, que para alli concorriam de todas as partes; interroguei um d'elles que satisfez ou antes augmentou a minha curiosidade.

Dirigindo-me com elle para o pateo do mosteiro das Trinas, e precenceei o acto mais christão, e edificativo. O numero de rações, que alli se destribuem perennemente a quantos appresentam bilhete, sobe, segundo fui informado, a 850 e tantos, e além d'este numero afflue sempre immensa pobresa avulsa que de ordinario é esmolada, com o que sobra; observei que n'aquelle dia o numero dos jantares chegou 943.

Foi para mim muito agradavel notar o aceio, e bem adubado da comida, mas o que sobre tudo me maravilhou foi o bom regimento e ordem no distribuir e receber, sendo para admirar que nem sequer se percebia aquelle motim ou susurro que ordinariamente costuma haver aonde ha concursos: é porque todo aquelle, que transtorna o socego, é n'esse dia privado da charidade: assisada providencia cujo bom resultado nunca se desmente. S. Ex.ª duplicou ainda o seu beneficio com a escolha, que fez do regedor da freguezia de S. Mamede que é o encarregado da inspecção, direcção e distribuição de taes esmolas. Os pobresinhos saíndo levavam no rosto a alegria e gratidão, e a mais de um ví eu ir colocar-se diante do altar, implorando certamente a Deus a vida e prosperidade para quem n'aquelle dia lhe matára a fome.

CIRURGIÃO DA SOLITARIA.

3039 Novamente se acha em Lisboa, tornado do Porto, o famigerado cirurgião da solitaria, que pela infallibilidade das suas curas, tantas vezes havemos recommendado aos que padecem tão importuno e funesto hóspede.

Todo aquelle, que em taes circumstancias, deixasse de se aproveitar d'esta noticia, quasi podia ser comparado, em juizo, aos suicidas.

É a sua residencia na rua de S. José n.º 34.

CARNE ASSADA.

3040 Consta-nos que o famoso Joaquim Luiz *Carne-assada*, vehementemente suspeito e accusado de haver morto e enterrado em uma vinha sua filha Gertrudes a 24 de abril preterito, (como contámos no artigo 2914) e preso em Lisboa (como se leu no artigo 2947), tem recorrido, baldadamente, a alguns advogados d'esta cidade para serem seus defensores: os dois primeiros, que lh'o recusaram, foram os Srs. Adriano Ernesto de Castilho e Abel Maria Jordão de Paiva Manso. Ignoramos se já, a estas horas, haverá achado Cirineu para a sua cruz, que não é das leves. Desejâmos-lh'o, e que seja homem de forças: quanto mais grave é um crime, tanto maior e mais urgente é a necessidade da boa defensa.

ALTA ESPERANÇA DO FORO PATRIO.

3041 No *Defensor*, jornal da ilha da Madeira, lemos a accusação, defensa e condemnação á morte de dois barqueiros, que haviam morto um creado de um embaixador inglez, no acto de o levarem de terra para bórdo do vapor de guerra *Megéra*, onde com seu amo devia seguir viagem para o Mexico. Com os dois accusados havia terceiro, um rapaz, menor, filho de um d'elles que saíu absolvido.

Desejáramos haver campo em nossa folha para reproduzirmos o brilhante discurso do defensor dos réus, o Sr. Francisco Vieira da Silva Barradas, joven advogado, saído, pouco ha, do gremio da nossa universidade: mas aconselhamos a nossos leitores, que procurem lel-o na *Gazeta dos Tribunaes* que fielmente o trasladou no seu numero 416 de sabbado, 8 do corrente.

A par de uma notavel sagacidade argumentativa, mostrou o Sr. Barradas possuir uma rica e fecunda imaginação e muito affecto: o complexo de taes dons, quando cabalmente assasoados pelo tempo, fará d'elle um dos ornamentos mais conspicuos do nosso foro, e já hoje o realça por cima do commum dos advogados até da capital.

LOUVAVEL EXEMPLO DE FRATERNIDADE.

3042 Fallecêra em Braga no ultimo de maio um dos alumnos da aula de ideologia, no Lyceu d'aquella cidade, por nome Lourenço José Rodrigues de Carvalho: — por sua applicação e bons costumes, sobre modo bem quisto dos condiscipulos e do lente, ornamento preclarissimo do magisterio. Quasi todos os que ao presente frequentam, ou já tinham frequentado como estudantes as escholas do Lyceu,

concorreram ao entêrro: eram quinhentos ou mais.

Não pára aqui Fintaram-se espontaneamente para lhe celebrarem solemnes exequias. O sobredito professor os ajudou a levar ao fim o seu empenho, e com a maior magnificencia se fizeram ellas na sé a 3 do corrente, com assistencia de todo o corpo academico e grande numero de curiosos; e prestando o clero gratuitamente os seus serviços.

O Sr. Manuel Pinheiro de Almeida e Azevedo referindo isto ao *Diario do Governo*, que o publicou em o seu numero de segunda-feira ultima, põe estas palavras: —

« Um feito d'esta naturesa não é individual, é na-
« cional; e eu rogo a V. a graça de lhe dar publici-
« dade se tanto for possivel, até mesmo para gloria dos
« senhores que tão generosamente tomaram parte n'elle
« servindo-lhes este publico testimunho de agradeci-
« mento por minha parte e da classe que represento. »

AVISO A PAES E MÃES.

3043 No DIA da Procissão do Corpo de Deus, um menino, que teria de edade seus oito ou nove annos, estava sem pessoa que o guardasse no Terreiro do Paço, entre o povo, para ver passar a cavallaria: cubiçoso de a contemplar mais de perto, e não sabendo antever perigos, tanto se adiantou, que a pata de um dos cavallos lhe pisou um pé e lh'o esmagou, saindo o sangue em rios atravez do seu botimzinho envernisado.

Ignoramos a quem pertencia, mas, segundo a exterioridade, devia ser de familia decente.

TRAGICO FIM DE UMA DANÇA.

3044 A ROMARIA do Bom Jesus de Braga parece crescer em frequencia, ao passo que outras muitas se vão a olhos vistas attenuando de anno para anno: é porque o sitio é dos mais formosos de Portugal, e a arte, que, havia muito, o começára a ataviar, com maior esmero ainda o tem feito n'estes ultimos tempos, e é sobre tudo porque n'aquelle circuito e no geral da provincia, ainda se não descrê, como n'outras, em duas coisas muito nossas, muito experimentadas e muito certas — na utilidade das demonstrações religiosas, e na necessidade de dar ao povo dias de rasgada folgança ao seu modo, que o vinguem de seus aturados mezes de lida e privações.

Tudo corria este anno entre os infinitos devotos do Bom Jesus de Braga com a maior satisfacção e contentamento, senão quando um inesperado e inculpavel successo o veio a aguar. — Dançavam muitos romeimeiros e romeiras em uma casa visinha ao principio das capellas; desaba n'ella um forno, vae-se abaixo o sobrado tão de subito e imprevisto; que todos os enfeitados e alegres dançantes e tangedores são com elle subvertidos. Muitos ficaram escalavrados; um morto, e sua mulher com um braço quebrado.

ANDOR INCENDIADO.

3045 No DIA 10 do passado, entrando alguns novos irmãos a tomar o habito na secretaria da Trindade, caíu uma véla e pegou fogo ao andor da Sanctissima Trindade, ardendo rapidamente o globo e chamuscando o doirado das imagens. Foi preciso trabalhar com o maior zêlo para restaurar e apromptar o andor para a bella procissão do dia 2 de junho; e consta que fôra dado pelo Illm.º Sr. João Allen, prior da dicta ordem, e que só a seda bordada do andor custára 300$000 rs.

Periodico dos Pobres no Porto.

EGREJA INTERDICTA.

3046 A 28 DO passado houve na egreja do Senhor Jesus de Mattosinhos, bispado do Porto, uma desordem, originada por um brasileiro, tido e havido, ha muito, por alienado. Tornou-se pendencia grave; houve facas arrancadas; correu sangue no templo: em consequencia do que o parocho lhe poz interdicto, que o prelado confirmou, devendo decorrer ainda alguns dias antes que vá pessoalmente levantal-o.

AFFOGADOS.

3047 A 28 de maio rojou o Tejo para cada uma de suas margens um cadaver de homem; — nenhum dos dois foi conhecido: — um saíu na praya da *Moita*, por uns restos de vestido parecia marujo, estava já meio gasto e completamente desfigurado: — o outro veio ao caes de Santarem, juncto á Ribeira-Velha, e parecia muito mais recente. ¿Seriam victimas do suicidio, do homicidio ou de uma desgraça fortuita? Deus o sabe: o Tejo guardou o seu segredo; a terra não o revelará.

FRANCISCO DE OLLANDA.

3048 PUBLICOU-SE a *Vida de Francisco de Ollanda, illuminador e architecto portuguez, que floreceu no decima sexto seculo, extrahida de seus escriptos, pelo abbade A. D. Castro e Sousa, Academico honorario da academia das Bellas-Artes de Lisboa etc., etc.* « E' um folheto em oitavo de 18 paginas.

ALGUMAS PARTICULARIDADES ÁCERCA DO GIGANTE DO NOSSO ARTIGO 3022.

3049 JOAQUIM Eleizegui, o gigante hispanhol, nasceu de paes de uma estatura para menos de regular; tem 7 pés e 9 polegadas de altura; desde a extremidade de uma a outra mão 8 pés e 4 polegadas; alcança com a mão a altura de 10 pés e 2 polegadas; o seu pé tem de comprido 17 polegadas e meia; e o seu palmo 14 polegadas.

Sem embargo é tão proporcionado que forma um formoso conjuncto.

Propondo-lhe ha dias um visitante que pedisse a manapula de Mademoiselle Camilla, por não perder uma occasião de se casar, que talvez nunca mais se lhe offerecesse, — respondeu que — era ainda muito moço para effectuar similhantes ligações; e que de mais, quando houvesse de se casar, havia de ser na sua terra. — Objectaram-lhe com o sabido.

Qual será o amor bastante.....

mas elle solveu a duvida declarando, que havia na sua terra moças de corpolencia proporcionada á sua. Se não é fanfarrice castelhana, bemaventurados os fabricantes e mercadores de pannos de tal paiz, que de certo não teem mãos a medir.

UM HOMEM QUE HA-DE MORRER POR DESOBEDIENCIAS DO GAZ.

3050 O DIVERTIMENTO dos arlequins, domingo passado, ía acabando por um levantamento do povo. Um alcides francez, que ahi trabalha, tinha promettido

lançar aos ares um immenso balão com o appenso de uma formosa menina de doze ou quatorze annos: — o balão porém, que não tinha promettido coisa alguma, por mais diligencias, que o mestre fizesse para lhe metter gaz no corpo, parecia inamovivel. Suppõe-se que algum malevolo o tinha picado: o que é certissimo, é que o povo o estava de véras, e que já rugia, como a hydra de mil cabeças, contra o alcides, que se vingava arrepellando a sua, com todos os gestos de um artista, que vê a sua reputação por terra no momento, em que tinha esperado vêl-a subir até ás nuvens.

Não foi senão muito a custo, que o director da companhia, D. José Serrate, e a policia conseguiram acalmar a turba. O director, promettendo-lhe, sob a sua palavra de honra, para o primeiro dia sancto um balão mais condescendente: a policia, fazendo levar o alcides entre dez guardas municipaes: *nec Hercules contra duo.*

Este alcides, aliás muito destro, em tudo que depende immediatamente do seu corpo, tem uma notavel sina de malôgro em tudo o que respeita á aerostatica: — não ha muito, que elle annunciára que na mesma praça faria subir por uma longa corda acima um elephante (escusado é dizer se affluiria gente): o elephante era de oleado, e o motor da ascensão devia ser tambem o gaz: mas o mais que pôde conseguir, foi que o bruto estrebuchasse um pouco pelo terreiro, no meio de uma pateada, com seus fóros de terremoto, até que desesperado o infeliz cornaca esvaseou a féra de tão terrestres espiritos, e mettendo-a debaixo do braço, desappareceu desejando que o chão, ao som dos assobios, se abrisse para os engolir a ambos.

TRIBUTO Á MEMORIA DE UM HEROE.

3051 Vimos um requerimento impresso, dirigido a S. M. pelo Sr. Abbade Castro, cheio de notas de exquisita erudicção, d'aquellas que só elle sabe e costuma fazer, e pelas quaes todas as suas obras tão procuradas são das pessoas de bom gôsto. N'elle sollicita o illustre abbade que *haja S. M. por bem mandar insculpir e collocar a estatua do Sr. Infante* D. Henrique *na sala denominada* do Risco *no arsenal da marinha.*

A este requerimento, com data de 24 de março, segue uma portaria de 13 de maio, em que se nomêam os que na obra devem intender, e cujos nomes já demos no artigo 2991.

ONDE NOS PODEM ARRASTAR AS DIVIDAS.

3052 Um carpinteiro do Arsenal de Marinha parecia, já de tempos a esta parte, possuido de grave desgôsto: evitava a conversasão dos amigos; trabalhava destraído, e interrompia muitas vezes o seu trabalho para se engolfar em meditações, que lhe annuveavam e carregavam ainda mais o semblante.

Ha dias, este homem desappareceu, deixando uma carta para certo empregado do mesmo arsenal, na qual lhe pedia — desse as suas despedidas a todos os companheiros: — e rematava, segundo nos informam, declarando que — «dividas insoluveis (que se calculam em dusentos ou tresentos mil réis, e que se não attribuem a genio vicioso ou gastador) eram a causa da sua desesperação e da sua espontanea renunciação á existencia.»

N'um dos dias da semana finda, este infeliz foi encontrado juncto a Sacavem, seguindo á tôa o caminho do norte. Reconheceram-n'o; viu-se que padecia; interrogaram-n'o, — tinha tomado veneno, mas a medo e em pequena quantidade: applicaram-lhe os remedios do costume; salvaram-n'o. Foi recondusido para sua caza, onde se conserva, enfermo e alienado, ou mais propriamente com as faculdades intellectuaes hebetadas.

EXPLOSÃO.

3053 No Fojo, freguesia de Bomfim, juncto ao Porto, n'uma fabrica de polvora e fogo de vistas, houve a 5 do corrente um incendio seguido de explosão, tendo o fogo sido pegado por um foguete que estavam a apertar. A mulher do dono da casa, querendo vêr se ainda a tempo salvaria a sua roupa, foi de tal maneira colhida pelo terrivel inimigo, que a tiraram meio abrasada e com poucas esperanças de vida.

PERIGOS DA EMBRIAGUEZ.

3054 Lemos na *Restauração* de 11 do corrente: —

Acaba de occorrer um caso inexplicavel, e de que hoje andou cheia toda a cidade, sem que até este momento se possa asseverar como as coisas se passaram. O certo é o seguinte: —

O vapor inglez *Pachá*, achando-se fundeado no quadro da fiscalisação da alfandega, tinha hontem 9 recebido a seu bórdo os competentes guardas da alfandega e do tabaco.

Entre estes tinha ído o aspirante da alfandega Luiz Antonio de Sousa Pereira Leite, que effectivamente esteve fallando com varias pessoas da tripulação, e foi visto até ás 10 horas da noite, pelo menos.

¡ Desde então ninguem mais deu por elle! Procurado por toda a parte, não appareceram de tal homem os menores vestigios. A alfandega affirmava ser impossivel que nem se evadisse em bote, nem se tivesse lançado ao mar, sem ser presentido. Mas o caso é que tambem se não achou mais.

As auctoridades procederam a minucioso exame, e tomaram o depoimento de todas as pessoas que estavam a bórdo. Um marujo disse que ás 4 horas e meia da manhã, estando de quarto, um dos guardas da alfandega lhe perguntára se tinha visto o aspirante que desapparecêra. O dispenseiro diz que o viu ás 4 horas, embrulhado n'um capote, embriagado, e que o seu criado lhe déra cerveja. Esse criado confessa que ás 9 horas lhe déra alguma cerveja. Um guarda da alfandega, que fôra de Belém com elle para bordo, assevera que o homem ía já n'um estado extraordinario, que fez mil doidices, e que demais a mais estava embriagado: que ás 10 horas elle se viu obrigado a il-o recolher na meia laranja. Outro guarda do tabaco viu-o ás 10 horas embriagado, representando como um comico, recitando com um papel na mão, e perguntando-lhe a elle mesmo varias coisas, como por exemplo — ¿ então vm. porque não é portuguez? Então isto aqui não é bonito? Que tal lhe parece esta entrada na nossa cara patria? etc.

Tudo induz a crer que o desgraçado se lançou ou caíu ao mar, o que era facil sem que ninguem o presentisse, vistas as grandes dimensões do vapor. Todos os depoimentos concordam em que não houve

a bórdo a mínima desordem, nem se ouviu coisa alguma extrabrdinaria. Não obstante, a visita da policia foi mui minuciosa, e antes da partida do vapôr se lavrou um auto regular.

Diz-se que este homem, filho de um antigo empregado da alfandega, exercêra alli um cargo de muito maior consideração. Esteve fóra por algum tempo, e tendo voltado para este emprego de menor importancia, caíra desde então em grande melancholia, e se déra ao habito da embriaguez. Os companheiros o ouviram dizer muitas vezes que dentro em pouco ouviriam fallar d'elle; e provavelmente este foi o meio que achou de cumprir a promessa.

OUTRO DESAPPARECIMENTO.

3055 Lemos na *Restauração* de 11 do corrente: — Uma respeitavel familia está hoje em lucto. Um dos seus membros, antigo official reformado, sem motivo algum que a tanto extremo o arrastasse, pois era mui estimado de quantos o conheciam, saíu esta manhã de casa, ás 7 horas, e indo a um botequim almoçar, pediu papel e escreveu uma carta. Entregou-a a um gallego e desappareceu. A familia abrindo-a acha um bilhete concebido n'estes termos; — Meus caros irmãos. Á hora a que receberdes esta, já terei cessado de existir. Peço um padre nosso por minha alma. Adeus até á eternidade. —

As numerosas diligencias, que hoje todo o dia têem sido feitas ficaram infructiferas até este momento.

UM DESAFIO POR UMA DATA.

3056 De tempos a tempos ahi apparece ainda (bem que se vão tornando cada vez mais raros) algum exemplo de desafio, que só por milagre chega a duelo, rumpante de tragedia, desfecho de farça..... antes assim.

Não ha muitos dias, que n'esta cidade occorreu um, entre pessoas demasiadamente conhecidas pela posição eminente, em que a fortuna as tem collocado. Pouco devem importar nomes; — designemol-as por *A* e *B*, e contemos o facto.

A e *B* faziam pois amorosa salla a uma dama, geralmente festejada n'esta capital por sua formosura e graça; tinham rivaes em exercicio: tinham rivaes platonicos em muito maior numero; — não admira — que a dama havia obtido publicos triumphos, muito solemnes e por muitas vezes: o ver festejar a um objecto é um dos motivos mais ordinarios de o appetecer. Mas d'entre todos os seus concorrentes nenhum fazia tanta sombra a *B* como *A*: nenhum tanta a *A* como *B*: ambos eram millionarios: os thuribulos de de oiro refinam a virtude inebriante dos incensos. — Havia porém entre elles uma differença. *A* era millionario no futuro: *B* millionnario no presente; differença, que deveria romper todo o equilibrio, se outra contraria a não neutralisasse. — *B* começava a declinar para o occaso: *A* brilhava ainda na promettedora aurora da sua mocidade. Claro é que nenhum d'elles deixaria de encarecer as suas vantagens, attenuando ou rebatendo nos seus arrasoados as do seu adversario.

N'uma carta de *B*, em que entre varios argumentos de uma suasoria artificiosa e esmerada, elle apellidava de *creança* ao seu competidor; *A*, que, não sabemos como, teve d'ella conhecimento, julgou descobrir n'essa expressão uma atroz injuria: não reflectindo em que *B* daria metade do seu cabedal, por poder ser injuriado com egual vocabulo. — Determinou-se em pedir satisfacção de uma coisa, em que parece, que a unica prova seria uma certidão de baptismo e uma definição tirada de qualquer diccionario.

O acaso lhe deparou, ha dias, o suspirado encontro — ¿da pessoa do seu émulo?..... não: mas do seu carrinho parado á porta de certa casa. Esperou que descesse, e chegando-se a elle, lhe pediu satisfacção da inaudita injuria. — O Sr. *B*, sem se alterar, lhe explicou francamente que — «não julgava ser um grande crime, nem um grande desar o ser moço, e que se d'aquella palavra usára n'uma carta particular, fôra porque n'isso intendia fazer bem á sua causa sem pertender, nem por sombras, menoscabal-o; se a velhice tem seus males e seus bens, a mocidade tem não menos os seus prós e os seus contras, e eram esses contras da mocidade em relação ao galantear damas, o que elle desejára fazer notar pela sua commum juiza, quando escrevêra tal palavra.» — Pareceu fraquesa a desculpa: o Sr. *A*, (dizem) travando da casaca do Sr. *B* e dirigindo-lhe termos desabridos, fez deante d'elle, talvez sem intenção, seus meneios de bengala a que o Sr. *B* (suppomos que tambem sem grande intenção) correspondeu com duas ou tres chicotadas pelas pernas do seu antagonista. Já a platéa gallega do chafariz proximo começava a rir e a apupar quando, para evitar escandalos, o Sr. *A* se retirou ligeiramente e o Sr. *B* subiu envergonhado para a mesma casa d'onde acabava de descer.

Accrescenta-se que no mesmo ou no seguinte dia — o Sr. *B* recebia do Sr. *A* um desafio conforme as regras; uma explicação de cavalheiro (segundo lhe chamam), que vem a ser enfiar uma bolla de chumbo ou metter a ponta de um chifarote pelo corpo de um offensor ou de um offendido; ou, quando não póde ser, pelo do vento; depois, abraçarem-se, e n'um almoço suculento beberem á saude um do outro. — Coisa já se vê a mais sensata de quantas os godos inventaram; e a que a civilisação moderna se dignou fazer os seus *improvements*; *brevet d'invention* para os tolos antigos; *brevet de perfectionement* para os modernos.

O Sr. *B* (se nos não enganam) respondeu — «que os desafios não entravam em nenhum dos seus dois systemas; nem no philosophico nem no hygienico, bem como tambem eram defesos por ambos os systemas da sociedade, — pelo religioso e pelo legal: que se o duelo era absurdo em these, na presente hypóthese e pela parvidade ou parvulez do seu motivo passava muito de ridiculo: que, finalmente, se o Sr. *A* se agarrasse ao capitulo das leis do duélo, que manda dar com um chicote no que o recusa, elle *B* se atinha ao capitulo da lei natural, que tem por titulo defensa da *inculpada tutela*: o qual manda cascar logo e de vez, em quem quer que nos accomette: que tudo mais d'ahi para diante, tocava á Providencia, á policia e aos tribunaes.»

Todos accreditam que a tragicomedia parou allí.

ERRATUM.

A pag. 501, col. 2.ª, lin. 39, onde está *cabaça*, lêa-se *labaça*.